

A EUROPA  
SEM OS  
INGLESES

ENTREVISTA  
COM DIRCEU  
KRÜGER

O MUNDO  
PARALELO  
DO FIFA



# relvado

**Edição #6 | Janeiro 2019**

## **Redação e Revisão**

Anderson Moura, @and\_moura  
Felipe Portes, @felipeportes5  
Jessica Miranda, @jessmirandinha  
Wladimir Dias, @WladDias

## **Arte e Diagramação**

Felipe Portes

## **Agradecimentos**

Dirceu Krüger  
Raphael Brauhardt  
Diego Marinelli  
Ricardo Glück Paul  
e Bruno Reis

## **Contato**

*revistarelvado@gmail.com*  
Twitter: *revistarelvado*  
Facebook: */revistarelvado*

**revistarelvado.com.br**

Quando o projeto da *Relvado* foi concebido, já não havia expectativa, à altura do primeiro ano, de viabilizar a versão impressa da revista. Entendemos que esse caminho, repleto de barreiras, tem de ser feito com calma, sem colocar o carro à frente dos bois — mesmo para garantir que, quando o salto for dado, o sucesso seja consequência. E esperar um suposto momento ideal não era opção; preferimos trabalhar.

Note-se que, neste sexto lançamento, ainda estamos alcançando o que consideramos ideal para a publicação. O caminho rumo à excelência demanda serenidade e consistência. Não é possível e nem desejável fazer algo completamente diferente de uma edição para a outra.

Enquanto projetamos o segundo ano, estudamos meticulosamente o mercado no qual estamos inseridos. Analisamos o interesse do público, formas de pagamento, ações promocionais e até mesmo a estratégia de divulgação (que pode parecer primária, mas é dura de conceber e executar com êxito).

Relvado é motivo de orgulho: talvez não pela projeção que pode alcançar dentro do curto prazo, mas porque carrega a nossa melhor versão nesse ofício — e a que mais gostamos. Outra vez, tentamos escolher ótimas histórias e personagens, para então contá-las da melhor forma possível, com o melhor encaixe. Corremos atrás dos protagonistas delas, as histórias.

Esse esforço é o que constitui a cara desta empreitada. É algo que está diretamente ligado à nossa percepção do esporte e da sociedade, o que queremos imprimir de maneira sensível ao longo das páginas. Chegamos, portanto, ao nosso momento de maior solidez desde a fundação.

Esperamos que você, leitor, sinta a mesma sede de conhecimento que temos ao iniciar cada brainstorm para o acerto das pautas. E que siga nos apoiando. Da mesma forma que selecionamos cuidadosamente cada texto e enfoque, gostaríamos que você nos escolhesse como a sua revista de futebol favorita. ■

# Índice

- 5** Área do Leitor
- 7** Lado B dos Botões (Guangzhou Evergrande 2013)
- 8** Rabiscando (Carlos Tévez)
- 10** O mundo paralelo dos pacotes virtuais de FIFA
- 16** O castigo drástico que a Europa impôs aos ingleses
- 26** Identidade e tendências mercadológicas
- 35** A virtude da inocência e o pragmatismo adulto
- 42** A saga do jogador negro na Itália
- 47** Libertadores, Nova Arena e futebol feminino: aí vem o CSA
- 53** O despertar do Flecha Loira
- 57** Flecha Loira: Entrevista com Dirceu Krüger

**relvado**

ÁREA DO LEITOR

Envie a sua pergunta para:  
[revistarelvado@gmail.com](mailto:revistarelvado@gmail.com)

Em um exercício de aproximação ao leitor, a *Relvado* abre espaço para sanar a curiosidade do público. Reunimos e selecionamos algumas perguntas para mais uma edição da Área do Leitor. Quer aparecer na próxima edição? Mande a sua curiosidade para [revistarelvado@gmail.com](mailto:revistarelvado@gmail.com) ou pelo nosso Twitter.

**Existe algum tipo de padronização nos clubes brasileiros para a colocação de estrelas nos escudos? (Daniel Babalin)**

Daniel, diversas motivações podem explicar as estrelas nos escudos, como por exemplo o do São Paulo, que tem três estrelas (vermelhas) dos Mundiais e duas (amarelas) em homenagem às duas medalhas de ouro de Adhemar Ferreira da Silva (atleta do clube na modalidade Salto Triplo) nas Olimpíadas de 1952 e 56. Há, ainda, o caso do Batatais, que leva três estrelas em alusão a três jogadores nascidos na cidade e que defenderam o Brasil em Copas do Mundo: o arqueiro Batatais, Zeca Lopes e Baldochi. Assim sendo, não há um padrão específico.

**Por que times de MG e GO jogam o campeonato do DF e em outros estados não tem isso? (Braitner Moreira)**

Braitner, a resposta é mais simples do que parece: logística. Equipes como o Paracatu-MG (a 170 km de Brasília; 600km de Belo Horizonte) e o Luziânia-GO (a 59 km de Brasília e 196 km de Goiânia) [preferem jogar o Candangão em vez do Mineiro ou do Goiano por conta da distância a percorrer para enfrentar outras equipes.](#)

**Quais foram as maiores transferências entre rivais diretos no futebol brasileiro? (Vitor Camargo)**

Vitor, se formos falar em impacto midiático e importância dos craques envolvidos, temos cinco trocas bem emblemáticas: **Nelinho**, do Cruzeiro para o Atlético em 1982; **Bebeto**, do Flamengo para o Vasco em 1989; **Rivaldo**, do Corinthians para o Palmeiras em 1994; **Romário**, do Fla para o Vasco em 1999 e **Dejan Petkovic**, do Fla para o Vasco em 2000. Há outros exemplos, claro, o tema é subjetivo...

**O que tornou a Copa São Paulo o torneio mais importante para atletas juvenis? (Vinicius Cassela)**

Vinicius, era para a Copa São Paulo ser apenas um campeonato festivo para times paulistas. Contudo, como profissionais estavam de férias na época, os clubes escalaram juvenis. De 1971 em diante, a inscrição se estendeu para todo o Brasil, o que atraiu o interesse da imprensa nacional. A Copinha tem uma enorme tradição em revelar craques e, apesar de não dar vagas para outros torneios nacionais e internacionais, conta com ampla cobertura na TV, já que os Estaduais, em geral, ainda não estão a pleno vapor.

**Existe alguma diferença de nomenclatura para Internazionale e Milan do estádio Giuseppe Meazza, em Milão? (Caio Bitencourt)**

Caio, o estádio foi batizado como Comunale di San Siro, uma referência ao bairro em que está situado. Em 1980, com a morte de Giuseppe Meazza, ídolo da Internazionale e com passagem pelo Milan, foi rebatizado em homenagem ao ex-jogador. Não há, portanto, distinção oficial de nome para o estádio nos jogos de Inter e Milan. ■



19 - ZENG CHENG  
 5 - ZHANG LINPENG  
 6 - FENG XIAOTING  
 28 - KIM YOUNG-GWON  
 32 - SUN XIANG  
 10 - ZHENG ZHI  
 11 - MURIQUI  
 15 - DARIO CONCA  
 16 - HUANG BOWEN  
 29 - GAO LIN  
 9 - ELKESON



## Guangzhou Evergrande, 2013



Cidade | Guangzhou

Fundação | 1954 (semi-pro) e 1993 (pro)

Temporada | Campeão Chinês e da Ásia

Time base | Cheng Zeng; L. Zhang, F. Xiaoting, Kim Young-gwon, Sun Xiang; Zheng Zi, Huang Bowen; Conca, Gao Lin, Muriqui; Elkeson.

Téc.: Marcelo Lippi

A China pode até ser o país mais populoso do mundo e, atualmente, uma das economias mais fortes do planeta. Mas nas disputas de futebol a balança não pende forte para o lado dos Dragões Asiáticos. Apesar disso, muitas coisa mudou nos últimos 10 anos. A iniciativa privada e o poder público passaram a ver o esporte bretão com outros olhos. O dinheiro chegou e com ele o talento estrangeiro (apesar de algumas restrições existirem). Assim, depois de o Liaoning FC conquistar a Copa dos Campeões da Ásia em 1990 e ser vice em 91 — e de o Dalian Shide ficar com a segunda posição em 98 — o Guangzhou Evergrande levou o título de volta para a China em 2013. Liderado pelos gols de Muriqui (artilheiro da equipe) e Elkeson, sem falar nas assistências de Darío Conca, o time venceu a final contra os coreanos do FC Seoul, foi ao Mundial de Clubes e terminou na quarta posição. ■



Você acredita em coincidências? Pelo visto, o atacante Carlos Tévez não só acredita como leva a coisa bem a sério. Em 2014, quando defendia a Juventus, o argentino foi ao Vaticano visitar seu compatriota, o Papa Francisco e ao adentrar a Capela Sistina, o jogador ficou maravilhado pela beleza das pinturas de Michelangelo. Uma, em especial, chamou ainda mais sua atenção, a “Ressurreição dos Mortos”. Interessado em saber mais sobre as obras, Tévez comprou um livro em uma loja de *souvenires* e quando abriu em uma página qualquer, adivinhem só com qual das centenas de pinturas ele se deparou? Novamente a Ressurreição dos Mortos. Daí veio a ideia de fechar as costas com uma parte do afresco em uma tatuagem que demorou um ano para ser concluída. ■





*A editoria Rabiscando traz histórias de tatuagens de jogadores de futebol. A pesquisa e o texto são de Anderson Moura.*





# O mundo paralelo dos pacotes virtuais no FIFA

Games | Por Jessica Miranda

## Como a indústria dos games reinventou a interação entre jogador e realidade virtual no modo FIFA Ultimate Team

**E**scapismo é a explicação mais comum, e ao mesmo tempo a mais simples e rasa para as pessoas jogarem videogame. Trata-se da possibilidade de viver no mundo virtual aquilo que a realidade não permitiu. Bem, que a realidade não permitiu para alguns.

Não é o caso do meia irlandês David Meyler. Com 29 anos, ele atua na segunda divisão inglesa, pelo Reading, e posta vídeos de FIFA 19 em seu canal no *Youtube*. É um excelente jogador. Provavelmente, após se aposentar, também se tornará profissional no seu *hobby*.

Depois de sair da Irlanda e ser contratado pelo Southampton, David Meyler finalmente conseguiu uma sequência no meio de campo do Hull City. Em seis temporadas, fez quase duzentos jogos. Neste período, o time oscilou entre a primeira e segunda divisão, com dois

rebaixamentos e duas promoções. O destaque do irlandês se deu na campanha inédita rumo à final da Copa da Inglaterra, em 2014. No início da temporada 2018/19, ele foi do Hull City para o Reading.

O começo nos Royals não tem sido bom. Beira à zona de rebaixamento. O técnico Paul Clement — ex-auxiliar de Carlo Ancelotti em suas passagens por Paris Saint-Germain, Real Madrid e Bayern de Munique — foi demitido no último mês de 2018.

É possível que, dentro de campo, as emoções de David no próximo semestre sejam tão intensas quanto o momento em que tirou ele mesmo num pacotinho de FUT, *FIFA Ultimate Team*, no qual você tem a chance de montar um time estelar, contando até mesmo com jogadores do passado, os chamados ídolos. Cá entre nós: o desejo de ter Pelé, Maradona, Cruyff, Ronaldo, Eusébio, e tantos outros, chega a dar palpitações nos aficionados.

## Wendell Lira

Em janeiro de 2016, lá estava Wendell Lira para receber o prêmio de autor do gol mais bonito do ano anterior. Antes disso, a própria indicação ao Prêmio Puskas da FIFA resgatou o goiano do ostracismo futebolístico aos 26 anos e, de quebra, garantiu a sua contratação pelo Vila Nova.

Uma década antes de desbancar Lionel Messi e outros autores de gols magníficos, Wendell se profissionalizou em outro clube goiano, o Goiás. Era tratado como uma grande promessa do Esmeraldino. No entanto, logo depois, sofreu uma série de lesões no joelho, que o tiraram por muitos meses dos gramados. Ao voltar, não vingou, rodou por clubes pequenos, sempre com a mesma sina: poucos jogos e ainda menos gols.

Mas a vida de Wendell mudou definitivamente em uma partida de março de 2015, pelo Campeonato Goiano. A bicicleta artística tornou o jogador finalmente conhecido

pelo grande público. Campanhas e mais campanhas foram criadas para assegurar a vitória do brasileiro, e quase sete meses depois da consagração na Suíça, Wendell surpreendeu e anunciou a aposentadoria definitiva dos gramados: iria se dedicar a virar *youtuber* de FIFA, seria jogador profissional de videogame.

WL7 não pode jogar com ele mesmo, como David Meyler, pois alguns jogadores brasileiros entraram na justiça contra as desenvolvedoras de jogos, como a EA e a SEGA, exigindo o pagamento de direitos de imagem. Assim, FIFA e Football Manager deixaram de licenciar os jogadores, optando por nomes e feições genéricos em alguns casos. Com a justiça concedendo vitórias aos profissionais, é o público brasileiro que sai perdendo ao fim da disputa.

## O vício

Está na maioria das camisas das principais ligas europeias; está a cada dois comerciais nos intervalos de canais esportivos da TV a cabo: as casas de apostas — ou de palpites, no melhor jeitinho brasileiro — cresceram vertiginosamente nos últimos cinco anos, justamente com a expansão das mídias sociais em dispositivos móveis.



Ciente dessa fraqueza a ser explorada, a cada ano a EA inova no conteúdo de seu modo mais lucrativo, criado em 2009. Dessa forma, com um marketing pesado, instiga a compra de *FIFA Points*, dinheiro virtual usado para abrir pacotinhos, que dão itens aleatórios para o consumidor.

Você usa dinheiro real, então, para abrir pacotes de jogadores virtuais, cuja chance de revelar algum minimamente decente é ínfima, e inversamente proporcional ao valor cobrado. A frustração por ter gasto dinheiro e não ter conseguido seu objetivo gera um círculo vicioso, podendo levar a um vício em apostas. Não à toa, países como Holanda, Bélgica, China e Japão começaram a legislar contra essa prática de *lootbox* (pacotinhos no caso do FIFA e compra de premiações aleatórias em outros jogos).

Ainda é um terreno novo e incerto. O *e-sport* do maior jogo de futebol só começou a se profissionalizar e receber atenção da EA há dois anos.





A América do Sul reclama, e com razão, da ausência de servidores localizados no continente, o que causa desvantagem no cenário competitivo, pois imputa um atraso entre o apertar dos botões e a resposta em campo.

Nessa temporada, podemos destacar os brasileiros Pedro Resende — contratado pela equipe de esportes virtuais do craque do Arsenal Mesut Özil — e Ébio Bernardes, adepto do futebol magia e alegria, como neste gol contra Spencer “Gorilla”, campeão mundial e tido como um exemplo para quem queira virar jogador profissional.

Resende, que acabou de vencer o prêmio de melhor jogador virtual de futebol no Brasil, é o atual nono colocado mundial na plataforma Xbox One. Aliás, os campeonatos organizados pela EA Sports — ou com sua chancela — possuem uma estrutura como se fosse uma fase de grupos de Copa do Mundo: há narradores, comentaristas e analistas táticos. Ao contrário do esporte real, no entanto, a transmissão ao vivo busca angariar e fidelizar um público de tal forma que ao pensarem em futebol, o impulso inicial não seja jogar bola ou assistir a jogos de profissionais e sim manejar botões de frente a um monitor. Seria o início de tempos mais nebulosos? Provavelmente não, mas é bom ficar esperto para não ser sugado para o mundo virtual. ■







# O castigo drástico que a Europa impôs aos ingleses

Inglaterra | Por Wladimir Dias

**Dominantes na Europa durante uma década, times ingleses sofreram um duro golpe na segunda metade da década de 80, por consequência de uma tragédia eterna**

**A** tragédia faz parte da vida do homem desde a Grécia Antiga. Via de regra, as peças teatrais e a literatura trágicos traziam à tona temas complexos; dor, conflito, moral... Tratava-se de algo muito maior do que uma história qualquer com final triste. A despeito disso, a modernidade se apropriou do termo, que passou a ser sinônimo de adversidade, de catástrofe.

Pegou. Mesmo porque se trata de uma faceta da vida que sempre esteve presente. No futebol, que move paixões, dificilmente seria diferente e algumas delas, como a que ocorreu em Heysel, foram chocantes e provocaram graves efeitos.

Foi na capital belga, Bruxelas, que torcedores de Liverpool e Juventus protagonizaram um dos piores conflitos da história do futebol. Era a final da Copa dos Campeões da Europa de 1985 e há algumas versões que buscam explicar o ocorrido. Na mais difundida delas, antes de a bola rolar, se verificou intensa animosidade entre torcedores ingleses e italianos — o que poderia ser um revide tardio, na medida em que um ano antes os Reds alegadamente não teriam tido a melhor das recepções também na final da Copa dos Campeões, em Roma, contra a equipe anfitriã.

A disputa ficou tensa quando parte da torcida do time de Merseyside derrubou a barreira que separava um setor de torcedores ingleses de outro, neutro. Apesar da neutralidade, o local estava majoritariamente ocupado por torcedores da Vecchia Signora que, diante da situação, tentaram fugir do estádio, pulando um muro, que acabou cedendo. Outras pessoas foram em direção ao gramado e esmagaram outras na barreira de segurança, que também não suportou e desmoronou. Houve 34 mortes e mais de 600 pessoas feridas. Uma tragédia propriamente dita.

Esportivamente, a consequência foi o banimento dos clubes ingleses de 1985 em diante, que deixaram de poder disputar as competições europeias. Inicialmente, esse gancho ocorreria durante tempo indeterminado, mas acabou perdurando por cinco anos para todos os times, exceto o Liverpool, que teve de esperar um ano mais, totalizando seis. Essa proibição acabou por afastar potenciais favoritos das competições.

## Até logo, Merseyside

Antes da Tragédia de Heysel, na década que durou entre as temporadas 1975-76 e 1984-85, a Copa dos Campeões foi vencida em sete das dez ocasiões possíveis por times ingleses.

O Liverpool levantou a *Orelhuda* — como é carinhosamente apelidada a taça da competição — quatro vezes, o Nottingham Forest duas e o Aston Villa uma. Os ingleses

forjaram uma hegemonia impressionante, liderados pela força de um Liverpool que ameaçava seriamente se tornar o maior clube do planeta.

Curiosamente, o primeiro time privado da honra de disputar o certame continental foi seu rival local, o Everton. Os *Toffees* não tinham um time brilhante, mas à inglesa, apostando em um consistente 4-4-2, certamente teriam suas chances. Muito disso porque na meta contavam com a segurança de Neville Southall, goleiro que defendeu o clube por mais de 15 anos e que foi durante muito tempo o recordista de aparições pela seleção do País de Gales. Aquele era um time durão, mas que também tinha categoria, sobretudo com o meio-campo Peter Reid — o jogador do ano de 1985 na Inglaterra, eleito pela associação dos jogadores profissionais da nação.

O ataque campeão tinha uma dupla de escoceses, formada por Andy Gray e Graeme Sharp, mas a Europa não teria conhecido essa parceria. Isso porque um certo Gary



Lineker acabaria contratado para representar o lado azul de Merseyside, levando Gray ao Aston Villa. Essa ainda foi a base do time que dois anos depois voltaria a dominar o Campeonato Inglês.

Curiosamente, o time que deveria enfrentar o Everton na Copa dos Campeões de 1985-86, o sorteado Anderlecht, fez ótima campanha no certame. Chegou às semifinais e perdeu justamente para o campeão da vez, o romeno Steaua Bucareste. Teriam os Toffees alguma chance real?

Neste ano, o campeonato inglês foi eletrizante para a dupla liverpuldiana. Mas por dois pontos, o título deixou o estádio Goodison Park, deslocou-se por aproximadamente uma milha e voltou ao Anfield, para os braços da torcida do Liverpool. Aquele time já não tinha a referência de Graeme Souness, substituído pelo dinamarquês Jan Molby, e tinha um treinador-jogador: o *king*, Kenny Dalglish. A dupla de rivais foi tão bem na temporada que também fez a final da FA Cup, novamente com a sorte indo para o lado vermelho da cidade, com Ian Rush sendo superior a Lineker.

Em 1986-87, o campeão europeu Steaua ficou dispensado da primeira fase da competição, dada a ausência forçada do Liverpool, mas caiu logo no primeiro confronto, na vingança do Anderlecht. O título acabaria vencido pelo Porto, que finalmente saiu da sombra do Benfica, até então o único clube português a conquistar o certame. Aquele era certamente um bom time, com destaque para Paulo Futre, Rabah Madjer e o brasileiro Juary, autor do gol do título, contra o Bayern de Munique. Porém, a exemplo do ano anterior, passava longe de ser favorito.

## **Os azarões fizeram muita farra, mas o Milan pôs fim à sua festa**

Nesse ano, aliás, a primeira divisão da Inglaterra foi novamente uma contenda particular entre os rivais de Merseyside, mas dessa vez os *Reds* foram nocauteados com mais força, ficando nove pontos atrás do rival, Everton. Já sem Gary Lineker, vendido ao Barcelona, o clube até foi

muito bem no ataque — o melhor da competição — mas certamente teve em sua sólida retaguarda um diferencial fundamental: sofreu apenas 31 gols em 42 rodadas.

Dessa vez, o clube não foi nem considerado no sorteio da Copa dos Campeões, naquela que foi, em mais uma ocasião, uma competição com campeão improvável. O PSV Eindhoven podia ter gente como Ronald Koeman e Soren Lerby no elenco (além de Guus Hiddink comandando tudo), mas não era mesmo favorito. Voltando à Inglaterra, adivinhem em que cidade ficou a taça de campeão inglês em 1987-88. Essa é fácil: em Liverpool, claro, com o time homônimo.

Ian Rush havia sido vendido à Juventus e essa não era lá uma notícia das melhores. Mas pelo menos os cofres de Anfield estavam cheios. Então, Dalglish foi às compras. Do Watford veio John Barnes; do Newcastle, Peter Beardsley; do Oxford, Ray Houghton. Todos jovens, todos selecionáveis. Convenhamos: quem precisa de Rush, quando o irlandês John Aldridge está *on fire* e disposto a marcar 26 gols na liga e 29 na temporada completa?

O Liverpool continuava a ser uma potência. Podia ter perdido dois títulos para o Everton, mas era de longe o time mais consistente das Ilhas Britânicas. Apesar disso, em



1988-89, teria que extrair algo além de seu melhor futebol se estivesse presente na Copa dos Campeões. Jogava a competição o Milan, de Arrigo Sacchi e seus holandeses. Barnes e companhia teriam que estar em seu melhor para vencer Ruud Gullit, Frank Rijkaard e Marco van Basten (isso sem falar na defesa que teriam que furar, com Paolo Maldini, Marco Tassotti, Alessandro Costacurta e Franco Baresi). Bem, seria difícil.



## Mudanças (breves) na Inglaterra e marcas eternas

Enquanto o Milan conquistava o continente, o Liverpool não só se ressentia de mais uma ausência na Copa dos Campeões, como perdia aquele que é um dos campeonatos ingleses mais emocionantes de todos os tempos.

A última rodada viu os Reds empatados com o Arsenal em número de pontos. Uma vitória por dois gols de diferença levaria o título de volta para a capital do país, Londres. Mas ela não estava acontecendo. Até que, com os nervos à flor da pele, depois de uma jogada horrorosa, cheia de

chutões de parte a parte, o Arsenal recuperou a bola e fez um contragolpe histórico. Michael Thomas invadiu a área e bateu o goleiro Bruce Grobbelaar. Era o minuto final. Mais informações sobre esse dia constam no livro de Nick Hornby, Febre de Bola.

Retomada doméstica à parte, os comandados de George Graham teriam dificuldades semelhantes às do Liverpool do ano anterior na Europa. Em 1989-90, o Milan ainda estava lá. Igualzinho, mas ainda mais entrosado. E verdade seja dita, o sucesso daquele Arsenal foi fogo de palha. No ano seguinte, foi apenas o quarto colocado no campeonato inglês, 17 pontos atrás dele, o Liverpool. Ian Rush havia voltado, Dalglish já estava quase fora do time (embora ainda fosse treinador-jogador), mas quem voava era Barnes, de 28 gols na temporada.

Em 1990-91, pela última vez, o Liverpool foi privado da disputa da Copa dos Campeões. Viu, de longe, outro azarão dominar o continente. Poucos anos depois da vitória do Steaua Bucareste, a Orelhuda voltou para o Leste Europeu.

Uma moleca de talento irresistível, que havia se dado a conhecer no Mundial sub-20 de 1987, chegou ao pódio. Dessa vez, o Milan parou em um forte Olympique de Marselha, o



vice. Coube a Robert Prosinecki, Sinisa Mihajlovic, Darko Pancev, Vladimir Jugovic, Dejan Savicevic e companhia levantarem o troféu para o Estrela Vermelha de Belgrado, antiga Iugoslávia.

O Liverpool, protagonista da Tragédia de Heysel, foi o mais prejudicado com o banimento. Nunca mais conquistou o campeonato nacional. Só voltaria a jogar a Copa dos Campeões, quando ela já mudara de formato, passando a Liga dos Campeões e aceitando outros clubes que não apenas os campeões nacionais. Mas sendo o time que nunca caminhará sozinho, seguiu fazendo história, vencendo o título de 2004-05, contra o Milan, em uma das finais mais especiais de todos os tempos.

## **O banimento se estendeu às outras competições**

Além de Liverpool, Everton e Arsenal, que deixaram de jogar a Copa dos Campeões, outros times ficaram fora das demais competições europeias. Fique claro, Tragédia de Heysel à parte, o *hooliganismo* era um problema sistêmico na Inglaterra. Há poucos inocentes nessa história.

Entre as temporadas 1985-86 e 1989-90, Manchester United, Everton, Coventry City, Wimbledon e os próprios Reds deixaram de disputar a Recopa Europeia. Além deles, Liverpool, Tottenham, Southampton e Norwich (85-86); West Ham, Manchester United, Sheffield Wednesday e Oxford United (86-87); Liverpool, Tottenham, Arsenal, Norwich (87-88); Manchester United, Tottenham, Nottingham Forest e Luton Town (88-89); e Nottingham Forest, Derby County, Norwich e Tottenham (89-90) deixaram de jogar a Copa da UEFA.

Muita coisa mudou desde então. A Premier League chegou, o dinheiro passou a circular com mais força, vieram dezenas de estrangeiros, o 4-4-2 ficou para trás — assim como o forte apelo pela bola aérea. Liga dos Campeões sem ingleses? Impensável. Mas um dia foi uma medida extrema e necessária. ■



Nos últimos 20 anos, a Trivela se tornou referência em futebol, indo além do campo e trazendo informação, história e contexto.



Queremos fazer mais nos próximos 20 anos e, para isso, contamos com o nosso principal foco: os leitores.




Faça parte do financiamento coletivo da Trivela e contribua com jornalismo independente de qualidade.

Apoie-nos no Padrim!

[www.padrim.com.br/trivela](http://www.padrim.com.br/trivela)







# Identidade e tendências mercadológicas

Brasil | Por Felipe Portes

## O Paysandu assumiu o controle da produção de seus uniformes e virou referência nacional em gestão de marca e adesão da torcida

Foi-se o tempo em que camisas de futebol carregavam traços identitários profundos de clubes. No Brasil, as grandes marcas engoliram uma fatia de mercado significativa na última década, e empresas como Finta, Dell'erba e Kanxa perderam um público que já era diminuto. De repente, o sonho do torcedor médio em ver seu time vestindo Adidas se tornou real. Mas não da maneira como ele imaginava.

O fenômeno da entrada em massa de Nike, Adidas, Puma e Umbro no Brasil perdeu força com uniformes padronizados, modelos utilizados à exaustão em dezenas de casos com adaptação mínima. Outros foram criticados por serem extravagantes demais. Viu-se, algumas vezes, o desenho da Juventus, do Bayern de Munique, ou do Real Madrid, ser minimamente adaptado a clubes como Palmeiras e Flamengo? O valor agregado pelas gigantes certamente é um fator a ser levado em conta. Mas parece

haver o que ganhar com outras alternativas. No fim das contas, o João da Silva, torcedor do Náutico, não quer uma marca mainstream na sua camisa, e tampouco deseja pagar o valor abusivo de 250 reais num lançamento. Ele quer um material acessível, de bom gosto e que respeite minimamente as tradições de seu time do coração.

Quais são as cartas na mesa para o clube? O que as equipes podem fazer para obter maior lucro e controle sobre o que é produzido e distribuído no comércio?



Divulgação / Santos

## O Santos navegou por mares intranquilos

Em 2016, o Santos teve uma iniciativa de certa forma inovadora, optando por fazer uma parceria com a Kappa, na qual abandonou a terceirização da fabricação e da comercialização de sua linha oficial, assinando uma sociedade com a fabricante. Em tese, a ideia traria um lucro maior do que os meros royalties típicos do modelo convencional. Este consiste no repasse de um valor irrisório aos clubes, deixando as fabricantes e lojas com as maiores cifras.

Sendo assim, a novidade era encurtar o caminho até o comércio, maximizando o montante recebido. Na prática, dando-se um salto de R\$8,00 para R\$55,00 por peça. Segundo levantamento de 2017 feito por Rodrigo Capelo, na revista *Época*, o Peixe lucrou R\$3 milhões em 2016 com a sociedade estabelecida com a representante da Kappa.

Mas os problemas eram evidentes: a operação não estava completamente pronta naquele primeiro momento e as peças restantes da Nike (parceira da equipe até 2015) ainda concorriam com as da Kappa, Brasil afora. E, entre uma ou outra, naturalmente o torcedor escolheria a linha anterior, de uma grife mais relevante e com preço mais em conta, em virtude da mudança de parceria.

Ao final do contrato, a possibilidade de um revival com a Umbro, velha parceira de 14 anos de relação, voltou à mesa. O plano do Santos, em caráter anual, era receber R\$8 milhões com a Kappa. Acabou, porém, recebendo aproximadamente metade disso.

Não é fácil alcançar o equilíbrio entre a manutenção da identidade do clube, a obtenção de boas receitas e a aceitação dos produtos no mercado. Contudo, no Norte do país, parece haver uma solução.

## **Em busca de uma identidade**

Para isso, viajemos até Belém, capital do Pará. Fugindo do roteiro habitual, o Paysandu deu um passo além, mesmo sem disputar a Série A do Brasileiro desde 2005. A equipe paraense apostou suas fichas em um modelo ainda mais ousado do que o do Santos. Com a criação da marca própria, a Lobo, o Papão saltou para o futuro.

Valores mais baixos, personalização total, e uma adesão enorme da torcida fizeram com que a iniciativa rendesse frutos. Embora seja complicado tomar a frente da operação, o Paysandu conseguiu números animadores e uma boa recepção no mercado. Tanto que seu modelo virou referência para outras equipes como Santa Cruz,



Juventude, Fortaleza, e mais recentemente o Coritiba, América Mineiro e o Bahia, único entre os citados que está na Série A do Brasileiro.

Esteticamente falando, os clubes que optam por uma marca própria assumem o controle do design e possuem mais liberdade para comercializar modelos que tenham maior apelo junto ao maior interessado: o torcedor.

Falamos com Ricardo Gluck Paul, vice-presidente de gestão e futuro presidente em chapa única no Paysandu. Ele detalhou todo o processo, objetivos e o que o clube paraense tende a ganhar com a Lobo.

**Relvado: Qual problema vocês pensaram em sanar primeiro quando surgiram os planos da Lobo? Cobrir distribuição da fabricante anterior, popularizar os preços ou criar um segmento que desse mais criatividade para as camisas do clube?**

Ricardo Gluck Paul: Foi um processo que vinha sendo amadurecido e sugerido por outros conselheiros. A gente acreditava que se houvesse gestão sobre a venda das

camisas de forma direta, teríamos mais sucesso. A solução seria criar uma marca própria e fazer o que as grandes marcas fazem. Para isso, a gente tinha de entender esse mercado. Por exemplo: uma empresa grande, como Puma, Nike ou Adidas, não possui fábrica, não produz um sapato sequer. Eles criam os produtos, gerenciam a marca, e daí conseguem fábricas de terceiros nos lugares onde atuam.

No Brasil, então, há uma fábrica, que não é da Puma, é de alguém que faz não só Puma, como outras marcas também. Existe um responsável dentro do Brasil, que acredita as fabricantes que trabalham com essa produção, dentro de um padrão estabelecido pela empresa. Depois disso, há um distribuidor nacional, que por sua vez repassa [o material] ao distribuidor local. É esse distribuidor local que faz a venda ao clube e ao varejo, de uma forma ampla.

Então, quando o Paysandu decidiu entrar nesse sistema, passamos a fazer exatamente o que a Puma [antiga fornecedora do clube] faz. Só que aí a gente consegue encurtar a distância da fábrica até o clube, eliminando alguns agentes como distribuidores, o que faz com que tenhamos menor preço, maior rentabilidade, ou até os dois. Achamos uma fábrica com essa acreditação, padrão



Divulgação / Paysandu



Ricardo Gluck Paul (à direita) e sua chapa iniciaram processo de transição financeira no Paysandu para 2019

de qualidade que seja do mesmo nível de outras grandes empresas, contratamos sob as mesmas condições, obviamente com maiores vantagens para o clube.

Pensando pelo ponto de vista de criação, faz muito sentido. O tempo de desenvolvimento das peças, nas grandes marcas, é muito longo. A Adidas, por exemplo, quando ia fechar com o Paysandu, pedia um prazo de 18 meses de antecedência para criar o produto. Se quiséssemos uma camisa nova, precisamos pensar 18 meses antes. Quando tomamos a frente do negócio, essa demora quase inexistente. Podemos dizer que desenho algo hoje, faço a plotagem amanhã, e em questão de um mês estamos com um produto novo na praça, absolutamente inovador, e tudo mais.

Para nós, faz mais sentido ter uma marca com identidade maior em relação à torcida, gerando uma sinergia, um orgulho do torcedor em vestir algo nosso, em vez de alguma marca estrangeira, digamos assim. O mais importante, creio, é a necessidade pela busca de receitas alternativas, o que nos levou a essa iniciativa.



**R: Vocês têm algum tipo de número sobre a evolução de vendas e receita para o clube com a marca nova? Houve melhora, os números estagnaram ou são inferiores aos da Puma?**

RGP: Tivemos sim um aumento no número de vendas, de rentabilidade, em todos os aspectos. Hoje, buscamos uma maior rentabilidade com relação à margem operacional, mas isso é outra história, não tínhamos essa questão com outras marcas. Tentamos encontrar uma eficiência, e só é possível alcançá-la por meio de um conhecimento maior do modelo, o que envolve loja própria, franquia. Tentamos entender a cadeia de preços, gestão de estoque e produto, para daí chegarmos à rentabilidade. Acredito que hoje estamos abaixo de 20%, mas nossa meta é os 24%, 25%, então estamos aprendendo com o negócio e buscando a eficiência.

**R: O que, na visão do clube, representou o maior ganho nessa nova plataforma? Se aproximar do torcedor ou ter algo absolutamente exclusivo no mercado?**

RGP: [A marca Lobo] Representa a inovação, acho que o Paysandu começou a ser reconhecido no mercado como clube inovador. Tivemos no ano passado um estudo que mostrou que fomos a segunda marca que mais cresceu no país, perdemos apenas para a Chapecoense, até por conta do que aconteceu ao fim de 2016. Então isso representa a vanguarda, a receita, uma aproximação maior com o torcedor. Temos muita representatividade em diversas vertentes, é um projeto que temos muito orgulho de ter implementado e agora tentaremos melhorá-lo cada vez mais. ■



# LOBO EM PELE DE LOBO

**#COLEÇÃO  
ALCATEIA**



📍 LOJA LOBO SEDE SOCIAL    📍 LOJA LOBO BOSQUE GRÃO-PARÁ  
📍 LOJA LOBO BOULEVARD    📍 LOJA LOBO METRÓPOLE

[WWW.LOJALOBO.COM.BR](http://WWW.LOJALOBO.COM.BR)

  @OLOBOPSC





# A virtude da inocência e o pragmatismo adulto

Argentina | Por Jessica Miranda

## Como a ingenuidade infantil pode aguçar a curiosidade sobre ídolos ao passar das décadas

**A**s câmeras focam no banco de reservas um homem de 34 anos. Num sinal de esperança, o técnico o chama. Passa instruções. A troca de olhares pode ser resumida como “Tévez, repita 2004”. O comandante do Boca Juniors, Guillermo Schelotto, rogava para que o atacante pudesse repetir a magia daquela semifinal de Libertadores, quando na casa do River Plate, aos 43’ do segundo tempo, Carlitos se antecipou a Fernandez e empatou a partida.

Como o Boca vencera o primeiro confronto pela margem mínima, aquele gol, naquela altura do jogo, parecia ter sido o golpe fatal no River. Assim, Tévez se descontrolou e, ante um estádio somente com torcedores adversários, imitou brevemente uma galinha — termo pejorativo referente aos adeptos alvirrubros. A decisão do árbitro em expulsar o argentino foi tão rápida quanto a dança.

Com o caos instaurado, o tempo de acréscimo foi alto. Então, aos 50 do segundo tempo, o time da casa conseguiu achar um tento, levando o jogo para a disputa de pênaltis, visto à época não existir gol qualificado. Mesmo embalado pela torcida local, o River sucumbiu e o Boca passou para a final — perdendo-a também nas penalidade para o Once Caldas. Curiosamente, Schelotto era o companheiro de Carlitos no ataque daquele time xeneize. Já Gallardo, comandante do River desde 2014, havia sido expulso no jogo de ida.

Embora dessa vez o mando fosse dos *Millonarios*, o jogo não ocorreu no Monumental de Nuñez. Pela violência dos torcedores, amadorismo das forças estatais e incompetência dos dirigentes, a segunda partida da final inédita de Libertadores entre os dois maiores rivais da América do Sul foi disputada em Madrid.

Quando Tevez entrou em campo, estávamos a dez minutos do encerramento da partida, já na prorrogação após empate em um gol no tempo inicial. E pior: Quintero havia acabado de colocar o River Plate de volta à liderança do embate. O colombiano tinha quatro jogadores do Boca próximos. Extenuados, eles apenas observaram a movimentação, sem pressionar o rival. Ele podia soltar uma bomba de perna esquerda. Por capricho, a finalização explodiu na parte interior do travessão antes de estufar as redes. Nenhum goleiro pegaria.

Tévez nada pôde fazer a não ser torcer para que o chute desesperado de Ledesma tocasse a trave e entrasse. Mas foi tiro de meta, e na sequência, saiu mais um gol adversário, portanto, título assegurado para o River.

## **Lágrimas de criança**

Um mês depois das cenas épicas no Monumental de Nunez, Tévez encontrou uma nova oportunidade de atazanar os rivais. Desta vez, em âmbito internacional: final da Copa América de 2004.



A milhares de quilômetros de Lima, palco da decisão, uma garota sofria. Embora a causa tivesse nome e sobrenome, Carlos Tévez, ela apenas repetia, como um mantra, “feioso”.

Apesar de botar em campo um time “B”, o Brasil resolveu jogar bola contra a Argentina. Adriano, o imperador, não desistiu após César Delgado marcar aos 42’ do segundo tempo, igualando o placar nos derradeiros instantes com o gol que passará em nossos olhos segundos antes da morte nos buscar.

Antes do ataque do regente, Tévez pirraçou. E a criança chorou, sem entender o porquê de prender a bola perto da bandeira do escanteio, de provocar e instigar os jogadores adversários.

O alento materno diante da situação desproporcional vivenciada foi infrutífera em sua sala de estar. Porém, talvez tenha tido efeito além-fronteiras, mais precisamente na cabeça de Marcelo Bielsa. O comandante da Argentina sacou Tévez após três infundáveis minutos do tento de Delgado.

Do banco, o feioso pode ver Pato Abbondanzieri falhando em repetir o desfecho de Boca Juniors e River Plate, na semifinal da Libertadores ocorrida em junho. O goleiro não

pegou nenhuma das quatro cobranças brasileiras. Como Andrés D'Alessandro e Gabriel Heinze pararam em Júlio César, o Brasil conquistou o hepta continental, para euforia da criança, em sua última memória nacional cercada de ingenuidade.

## Demarcando a história



O feioso virou o “seu feioso” — compartilhado por 30 milhões de torcedores, claro. Carlitos foi camisa 10 do Corinthians durante quase um ano. Os feitos no Brasil são notórios, assim como o seu legado. As circunstâncias de como chegou aqui e, principalmente, como saiu junto com seu compatriota Mascherano rumo ao West Ham é que são mais nebulosas.

A tensão possui nome: Kia Joorabchian. Não era um agente de futebol, apenas dava conselhos (e recebe por isso), além de comandar diversas empresas de fundo de investimento em jogadores — prática proibida atualmente.

Esteve envolvido nas negociações de Philippe Coutinho, Ramires, Robinho, David Luiz, Marquinhos, William, João Mário, Tiemoué Bakayoko, Oscar e Alex Teixeira, só para mencionar algumas das mais voluptuosas.

Kia, inclusive, já cogitou comprar alguns times da Premier League, sendo um deles o próprio West Ham. Mas as relações com o clube londrino se azedaram após os londrinos assegurarem a permanência na primeira divisão. Alegando ser dono dos direitos dos argentinos, Kia não hesitou em oferecê-los a outros participantes da liga, a contragosto da diretoria. No fim, o uso dessas empresas resultou num prejuízo de 20 milhões de libras ao Sheffield United, em acordo firmado após disputa judicial — o West Ham superou o Sheffield no saldo de gols, apenas na última rodada, obtendo a última vaga na elite.

Kia possui uma família empresária do ramo automotivo. Emigrou para o Reino Unido após a Revolução Iraniana, quando em 1979 o xá Reza Pahlevi foi deposto, por indignação geral da população com corrupção e má gestão administrativa. Esta derrubada trouxe ao comando do governo o aiatolá Ruhollah Khomeini. Com a implantação da teocracia xiita, os costumes, a relação com a religião, liberdade de imprensa, o papel da mulher e exercício dos direitos humanos, por exemplo, são até hoje mitigados.

Enquanto Kia estudava no exterior, o Irã sofria com pós revolução. A década de 80 ficou marcada como a de grandes conflitos: a crise dos reféns na embaixada americana — os EUA apoiavam o deposto xá — e a guerra Irã e Iraque, quando Saddam Hussein invadiu o país vizinho, gerando um conflito até 1988. O futebol local, neste período, foi suspenso.

Mas a origem do sobrenome Joorabchian não é iraniana e sim armênia. No início do século XVI, os safávidas conquistaram o Império Persa, expandindo-o enormemente, tanto em termos culturais e religiosos, quanto em território, durante os mais de 200 anos de reinado. São considerados os principais influenciadores do legado iraniano.




De modo simplista, o Império Persa, sob diversas dinastias, sempre esteve em conflitos com os otomanos e os russos, visando o controle do Cáucaso. Com a derrota na última guerra persa-russa, em 1828, a região que hodiernamente conhecemos como Armênia foi tomada pelos europeus. Depois, o controle local passou aos turcos, levando ao genocídio armênio do século XX, com a morte estimada de 1,5 milhão de pessoas.

A situação do país ficou ainda pior com a indexação da Armênia na República Soviética. A independência veio somente em 1991, quando o país já estava envolvido há três anos numa guerra com o vizinho Azerbaijão. As relações diplomáticas entre os dois são péssimas, ao contrário do trato da Armênia com o Irã, seu principal aliado. Apesar de possuírem diferentes religiões (cristianismo e xiitismo), armênios e iranianos mantiveram um retrospecto cordial e afetuoso, com migrantes de ambos países transitando entre si.

No âmbito do futebol, os descendentes armênios também marcaram a história. Vencedor da Copa da Ásia de 1976, o zagueiro Andranik Eskandarian se destacou, de forma curiosa, ao marcar o primeiro gol do Irã em Copas do Mundo, no mundial da Argentina. Ainda que o gol tenha sido contra, o empate final em 1 a 1 ante a Escócia foi considerado um sucesso. Já em 2014, o jogador Andranik Teymourian fez história ao se tornar o primeiro capitão da seleção iraniana cristão. Por fim, o ex-jogador Markar Aghajanyan é auxiliar técnico do comando nacional desde 2011.

De Tévéz perdido e desolado a Tévéz pirracento; de Tévéz herói em campo a questionado fora das quatro linhas; de um empresário ensaboado às origens da família de Kia e a relação entre dois países. O futebol certamente guarda ligações bizarras entre nossos heróis e vilões, sobretudo quando eles são a mesma pessoa. ■





# A saga do jogador negro na Itália

Itália | Por Wladimir Dias

**Problema social, o racismo tem sido uma constante no futebol italiano, apesar do longo histórico de atletas negros**

A tradição do futebol uruguaio remonta aos tempos mais antigos do futebol. Nos anos 30, já tinha uma escola vencedora, reconhecida e admirada. Mas aqueles também foram anos de ascensão de movimentos fascistas, destacadamente na Itália, tão importante para a formação da identidade do Uruguai moderno, que recebeu uma respeitável leva de imigrantes no final do século XIX. A conexão ítalo-uruguaia é forte também no futebol. Embora não seja uma nação de maioria negra, o país sul-americano cedeu, superada a Segunda Grande Guerra (apenas oficialmente, claro), o primeiro negro a atuar na velha bota.

Os registros são escassos, mas é certo que Roberto La Paz, atacante formado no Peñarol foi o precursor de um movimento hoje muito numeroso na Serie A. La Paz chegou na Itália pelo modesto Frattese (que teria liderado em uma imponente vitória por 4 a 1 contra o Milan), proveniente do igualmente nanico Sud América. O que se tem sobre o jogador são relatos de que se tratava de um atleta de porte físico respeitável, com aptidão para as finalizações,

mas propenso a problemas extracampo. Depois, o goleador foi ao Napoli, em 1947. Registros imprecisos indicam que teria feito aproximadamente 33 partidas pelos *Partenopei*, anotando seis gols.

A despeito disso, sua representatividade, quase apagada pelo avançar dos muitos anos, é bem maior do que se pode supor. Havia na época um movimento forte na Itália para que só pudessem ser integrados ao futebol local os estrangeiros que fossem considerados *oriundi* — os descendentes de famílias de imigrantes italianos. Não é preciso pensar muito para entender o significado dessa intenção.

Essa barreira não impediu, entretanto, que Jair da Costa e Cané — por Internazionale e Napoli, respectivamente — desembarcassem no país, na década de 60. Contudo, apenas mais dois casos isolados. Com o passar do tempo, naturalmente, os impedimentos à chegada de jogadores negros acabaram afrouxando, muito em função dos processos e consequências ligados à globalização — em semelhante proporção ao aumento das manifestações racistas nos campos de futebol no país. Nos anos 80 e 90, duas vítimas famosas foram os holandeses Ruud Gullit e Aron Winter, este hostilizado por sua própria torcida, a da Lazio.

Em 2000, os ingleses do *Telegraph* foram enfáticos ao falar sobre o tema. Na oportunidade, disseram que “enquanto em muitas formas a sociedade italiana parece o epítome da civilização, isso segue arruinado pela forma peculiarmente grosseira de racismo que se manifesta nas torcidas de futebol: as vaias aos jogadores negros, acompanhadas de sons de macacos”.

E em um momento histórico em que movimentos de extrema-direita voltam a ganhar o espaço público, e políticos com tal orientação ideológica vêm obtendo sucesso mundo afora, o futebol acabou novamente vivenciando um momento lamentável no Bel Paese. Os protagonistas foram torcedores da Internazionale e o alvo

foi o zagueiro napolitano Kalidou Koulibaly. O que indigna é o fato de não serem inéditas as manifestações de racismo contra o senegalês. Kalidou foi vítima de outros dois casos diante das torcidas de Lazio e Atalanta.

O último gesto preconceituoso, dos interistas, tomou grandes proporções — também porque o zagueiro foi suspenso por dois jogos após ser expulso. Na ocasião, recebeu o segundo cartão amarelo por aplaudir ironicamente o árbitro, que durante o jogo pouco fez para coibir as ofensas.

O defensor do Napoli também colocou em evidência outra situação da sociedade italiana: na tentativa de amenizar os impactos do caso, o prefeito de Milão acabou se traindo, expondo o enraizamento do problema: sugeriu que a Inter entregasse a braçadeira de capitão à Kwadwo Asamoah, lateral esquerdo ganense. Por quê? Por ser negro, apenas — para dar uma resposta à situação de Koulibaly. Uma resposta pobre, porca e igualmente racista. Não uma solução.

Sobre esse tema, têm-se variados e uníssonos relatos. Alvo de manifestações racistas algumas vezes enquanto jogador do Milan e que chegou a abandonar o campo em 2013, Kevin Prince-Boateng, que agora defende o Sassuolo, falou sobre o assunto à *ESPN* norte-americana em novembro de 2018: “nada mudou”. À *BBC*, Gullit falou em dezembro último: “o maior problema para nós é falar sobre isso. No momento em que você fala, as pessoas dizem: ‘ele se coloca em posição de vítima’”.

Não é preciso conhecer ou ter riqueza de dados para saber que, certamente, Roberto La Paz, que seguiria mais tarde para o Olympique de Marselha, não gostaria de ser lembrado como o primeiro de uma série de outros que, dia após dia, têm dificuldades para se concentrar no que importa, em sua profissão — em jogar futebol. Mais de sete décadas depois da chegada de La Paz, a questão racial ainda é pauta crucial na Serie A. E não há indício de que os anos 40 sejam superados tão cedo. ■

O MELHOR DO FUTEBOL ITALIANO

CALCIOPÉDIA PRO

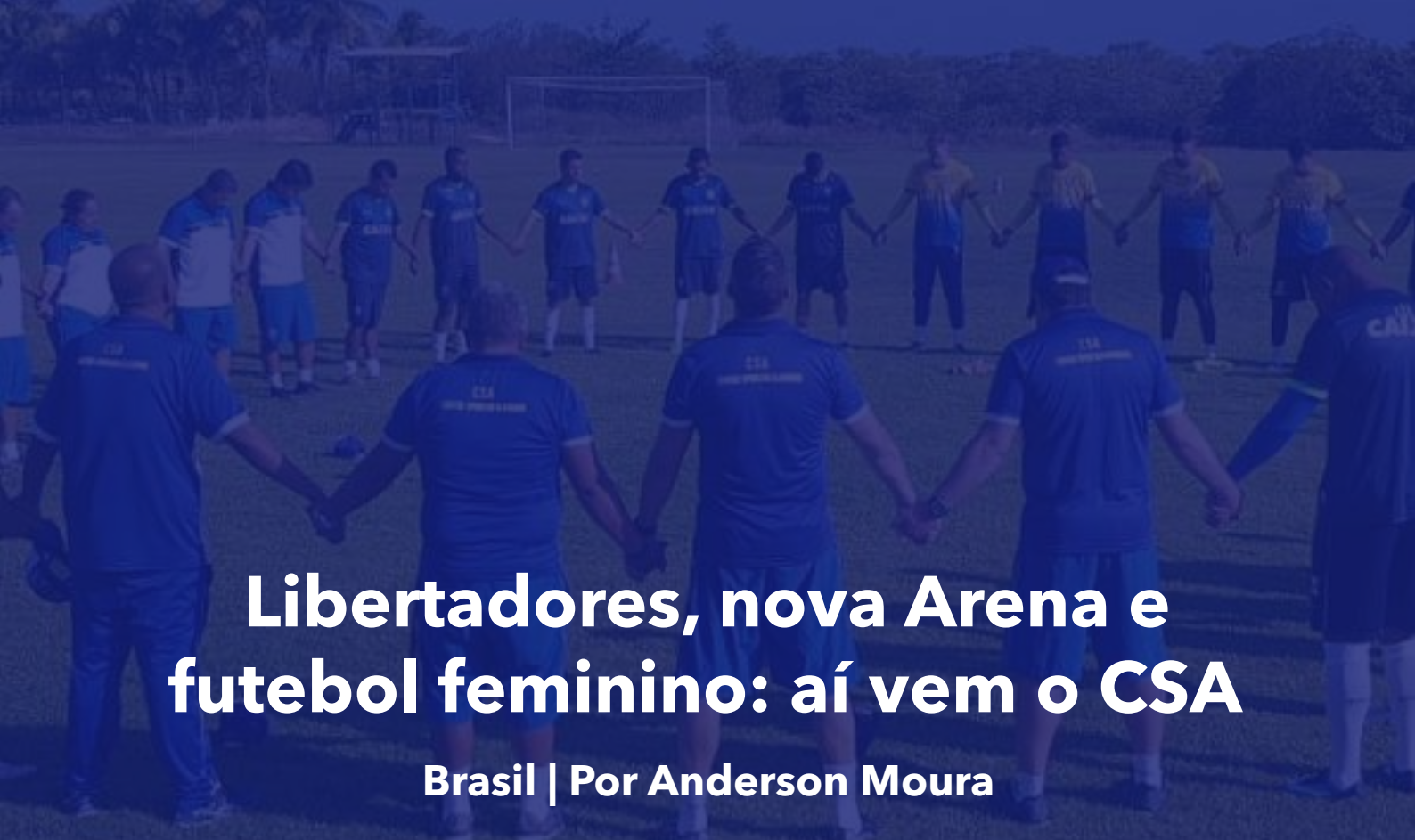


[f/calciopediabr](https://www.facebook.com/calciopediabr)

[i/calciopedia](https://www.instagram.com/calciopedia)

[calciopedia.com.br](http://calciopedia.com.br)





# Libertadores, nova Arena e futebol feminino: aí vem o CSA

Brasil | Por Anderson Moura

## Surpresa da próxima Série A, o CSA mira alto e vai tentar se desdobrar para alcançar metas ousadas depois de 30 anos longe da elite nacional

Quem não acompanha as divisões inferiores do futebol brasileiro pode tomar um susto quando der uma olhada nos times da primeira divisão do Brasileirão 2019. O título do Fortaleza ganhou destaque por todo o país, graças aos grandes públicos da torcida tricolor no estádio Castelão e, principalmente, em virtude da ascensão de Rogério Ceni como treinador. Mas a grande surpresa da próxima Série A vem de outro time nordestino, o CSA, de Alagoas.

O caminho para chegar ao ponto alto da cadeia alimentar do futebol nacional, entretanto, teve seu início em estradas esburacadas e tortuosas. Em 2010, o Azulão estava na segunda divisão alagoana e em 2015 sequer disputou qualquer competição nacional, por ter sido eliminado precocemente no Alagoano. Esse segundo fato, porém, marcou uma revolução nas estruturas do clube. Enquanto os rivais do CRB diziam de forma jocosa que é o CSA era



um time “Fora de Série” (por não disputar sequer a Série D nacional), toda a diretoria azulina debandou, deixando em seu rastro dívidas com jogadores, fornecedores de materiais e até mesmo com a companhia de energia elétrica.

Era a deixa que Rafael Tenório precisava. Empresário mais rico do estado (com patrimônio avaliado em mais de 70 milhões de reais), o agora presidente do clube alcançou dois vice-campeonatos em seu primeiro ano em exercício: do estadual e da Série D. E em 2017 veio o primeiro grande feito. Liderado pelo goleiro Mota, pelo meia Daniel Costa e pelo atacante Michel Douglas, o clube azulino foi campeão da Série C, inclusive vencendo o Fortaleza, no Ceará, na decisão.

Finalizando a arrancada, o título alagoano finalmente veio em 2018, encerrando um jejum de dez anos, e a

Divulgação/CSA



participação na Série B superou todas as expectativas. Chegando à última rodada na quinta colocação, o Azulão precisava bater o Juventude fora de casa e torcer para pelo menos um time entre Goiás, Avaí e Ponte Preta derrapar. Em um daqueles dias em que tudo dá certo, Neto Berola marcou três vezes, o CSA venceu por 4 a 0 e nenhum dos times citados acima venceu. O CSA estava de volta a primeira divisão nacional como vice-campeão da Série B, tornando-se o primeiro time da história a conseguir todos os acessos de forma consecutiva.

De todos os atletas que disputaram a segunda divisão com o Azulão, apenas um tinha contrato válido para o ano de 2019, o goleiro Mota. É inevitável então que o time vá passar por uma gigante reestruturação, a começar pelo elenco. Mas uma transformação ainda mais importante vem ocorrendo fora das quatro linhas.

O CT foi reformado, uma academia foi construída e um alojamento para os atletas da base está em processo inicial de construção. Além disso, a proximidade com uma ilustre torcedora do clube trouxe planos para investir no futebol feminino. Foi sobre isso que a *Relvado* falou com Raimundo Tavares, presidente do Conselho Deliberativo do clube, e Omar Coelho, vice-presidente de base e esportes olímpicos.

Divulgação/CSA





Divulgação/CSA

## **Próximos passos do time profissional**

“O CSA alcançou o sucesso em poucos anos, mas isso foi fruto de um planejamento e de um trabalho coletivo. Para este ano nós temos como foco principal, nesse primeiro quadrimestre, o Campeonato Alagoano, a Copa do Brasil e a Copa do Nordeste. Esse é o nosso foco. O Campeonato Brasileiro da Série A entra no nosso foco a partir de Abril, e só então vamos trabalhar pensando em fazer um grande campeonato e conseguir aquilo que muita gente acha que é impossível: uma vaga na Copa Sul-Americana, na Libertadores, ou a própria permanência na Série A. Com planejamento e responsabilidade, a gente espera que as coisas aconteçam de forma positiva”, projetou Raimundo.

## **Planos para o feminino e a relação com Marta**

“O CSA já tem um time feminino, que disputa há vários anos o Alagoano e algumas competições interestaduais, mas com apoio mínimo do clube. Há alguns torcedores que se juntaram e formaram o time, de forma amadora. Sequer treinavam, juntavam-se no dia do jogo apenas. O apoio vinha apenas através do jogo de camisa, da cessão de um funcionário para trabalhar como massagista, além de gandulas. Em adição a isso, oferecemos o campo do CT para a disputa dos jogos como mandante. Mesmo assim, sempre disputamos títulos, somos vice-campeões do



Alagoano de 2018 e bicampeão do Torneio Rainha Marta. O calendário é disputar o Alagoano e o Brasileiro. Agora, com a obrigatoriedade do futebol feminino (para times que disputam a Serie A masculina), estamos buscando receita para que tenhamos toda estrutura necessária, digna de um time da dimensão do CSA, que agora é de Série A. Já estamos formando a Comissão Técnica e teremos campo e alojamento adequado para as atletas.”, explicou Omar.

“A Marta é um patrimônio não só de Alagoas, mas, sobretudo, do Brasil e do Mundo. E nós temos muito orgulho de tê-la como torcedora máster do CSA. Com isso, o presidente Rafael e eu temos em mente construir a nossa nova arena, dentro de pouco tempo. E podem ter certeza que quando pudermos construir, o nome já está definido: Arena Rainha Marta”, complementou Raimundo. Curiosamente, o estádio que o time atualmente divide com o CRB, seu grande rival, leva o nome de Rei Pelé. Em breve o CSA e Maceió podem ter uma majestade para chamar de sua, como nenhum outro clube no país. ■





# O despertar do Flecha Loira

Grandes Batalhas | Por Felipe Portes,  
Rodrigo Salvador e Erich Meiners

## O dia em que Dirceu Krüger vibrou loucamente em um amistoso na Romênia

Em 11 de abril de 1945, nascia em Curitiba um piá chamado Dirceu Krüger, que em menos de três décadas de vida, fez história pelo clube alviverde situado no Alto da Glória, na capital paranaense. Levado ao profissional pelo Britânia e contratado pelo Coritiba em 1966, povoou o imaginário de uma geração, que se acostumava a ver craques como ele desfilando no gramado do Couto Pereira.

Quando você é um jogador de futebol profissional, um momento marcante na carreira pode ser marcar um gol. Talvez não seja o mais bonito, ou o mais importante, mas certamente você não se esquece jamais. E nem Dirceu Krüger ou algum dos seus fãs esquece, até hoje, o gol que ele marcou no seu aniversário de 25 anos.

Mas não pelo tento, em si. E sim porque esse gol quase o matou. Após um choque severo com o goleiro Leopoldo, do Água Verde, que acertou o abdômen de Dirceu, o clima

no Couto mudou rapidamente do êxtase para o drama. A dividida estranha ofuscou a ocasião festiva do lance e, apesar de inicialmente não parecer sério, tirou Dirceu, o Flecha Loira, de combate.

A chegada rápida ao Hospital do Cajuru impediu o pior. Foram, ao todo, setenta dias de drama para o polaco, que deu entrada na unidade e sequer pôde comemorar o gol — muito menos os parabéns recebidos.

Pior do que isso: com o rompimento das alças intestinais, Krüger flertou com a morte, chegando a receber a extrema-unção nas instalações do hospital. Contudo, não era seu destino deixar este plano em circunstância tão trágica, e ao mesmo tempo tão banal.

Após negociar sua sequência na Terra, o atleta atravessou com perseverança o tempo de internação. Ali, muitos médicos o aconselharam a deixar o futebol. Teimoso que era, não deu ouvidos. Com a ajuda de uma cinta no abdômen - que ele usa até hoje -, Dirceu se preparou para um segundo nascimento.

Em 25 de novembro do mesmo ano, lá estava ele, de volta, timidamente, para ajudar o time em uma turnê no exterior. Foi em um amistoso contra o Arges, na cidade romena de Pitesti, que Dirceu Krüger mostrou ao mundo que estava pronto para dar a volta por cima. O jogo, aliás, tinha tudo para ser comum.

Na ocasião, o time do Coxa saudava o seu herói regresso. E Krüger, à sua maneira, festejou o primeiro gol de sua nova vida, aos 33 do segundo tempo, no estádio 1º de Maio.

De acordo com o historiador Marcelo Dieguez, o técnico Mauro Ramos havia escalado: Célio; Nilo, Piloto, Oberdan e Cláudio; Lucas e Bidon; Peixinho, Hélio Pires (Werneck), Krüger e Rinaldo. Uma formação histórica, dentro e fora

daquela circunstância especial. O placar, 2 a 2, pouco importava. A celebração de Krüger, tão efusiva quanto a de um título, surpreendeu a torcida local nas arquibancadas.

A turnê alviverde ainda teve escala na Argélia, onde o atacante marcou o que costuma descrever como o gol mais bonito de sua carreira (a descrição você confere na entrevista exclusiva, a seguir): o Coritiba detonou a seleção local por 4 a 1, em Argel, com dois tentos de Dirceu.

Seria um crime imperdoável tirar o futebol de um dos atletas mais fantásticos do futebol paranaense. Felizmente, sobretudo para a torcida do Coritiba, o Flecha Loira consolidava ali a segunda metade de sua carreira, que obviamente foi atrapalhada por suas limitações físicas.

Nem mesmo uma lesão de tal seriedade poderia neutralizar a classe distinta e aplacar a técnica incontestável do jogo do polaco, que marcou o gol decisivo do Paranaense de 1972 contra o rival Athletico.

Em 1975, o conselho médico de deixar o futebol finalmente foi aceito, após novo choque no abdômen durante uma partida, que não teve consequências sérias ou desdobramentos para a saúde do craque, mas serviu de alerta.

Entretanto, os campos já haviam trazido emoções para uma vida. Descansava a Flecha Loira; nascia uma lenda repassada de pai para filho em Curitiba.

Krüger é uma lenda viva que virou estátua. O homem de bronze erguido em frente ao estádio Couto Pereira jamais perderá a pose. O outro, de carne e osso, comporta-se e fala como uma pessoa normal, que nas ruas poderia ser confundida com um desses senhores tipicamente paranaenses. Sabemos, no entanto, que de normal ele não tem nada. ■







## Flecha Loira

**Entrevista | Por Felipe Portes e Erich Meiners**

**F**az um dia quente em Curitiba. O tempo aberto e abafado parece ser um prenúncio de um momento especial. Ao menos para duas pessoas que combinaram de se encontrar na frente do local combinado: o estádio Couto Pereira, no Alto da Glória. Eu e Erich Meiners, amigo coxa-branca, entramos juntos pelo portão da administração, deixamos o nome na recepção e fomos anunciados lá dentro. O assessor, Diego Marinelli, avisa: Dirceu Krüger está à nossa espera.

Cruzamos a primeira porta, um pequeno corredor, e um senhorzinho surge por detrás da segunda. Ele chega, estende a mão e diz: “Oi, eu sou o Krüger” — o maior ícone da história do Coritiba, motivo da nossa presença e ídolo homenageado com uma estátua ali do lado de fora. Trata-se de uma figura que transcende o futebol paranaense, mas que com extrema simplicidade ainda julga ser necessária a sua apresentação. Mais do que isso: Krüger faz questão de abrir e segurar a porta para quem vem atrás.

Afinal, aquela é a sua casa há quase 53 anos. Natural que ele seja um respeitoso e orgulhoso anfitrião, após tantas configurações diferentes e reformas feitas no interior do

estádio. Quem quer que passe pela frente do Couto Pereira vê a sua figura esculpida em bronze, vestida com as cores do Coritiba, em uma pose inconfundível. Dois anos atrás, quando completou cinco décadas de serviços prestados ao clube, Dirceu viu sua imagem ser erguida diante de um dos portões. É impossível andar por ali sem saudar, ainda que em silêncio, o homem de bronze que é uma das razões para o Coritiba continuar tendo uma torcida grande dentro e fora da cidade.

Caminhamos para dentro do gramado, percorrendo um corredor com portões verdes e escudos do Coritiba. Mas o mais perto que podemos chegar do campo, de fato, é o espaço em que costumam ficar as placas de publicidade. É sexta-feira, dia de irrigar o palco de algumas das mais memoráveis batalhas do Coxa, e como a temporada oficial já se encerrou, há um tratamento em curso na grama do Couto. Funcionários trabalham no local e passam o recado que devemos ir só até a beirada. É o suficiente para tirar algumas fotos de Krüger, com um plano de fundo belíssimo: a arquibancada verde e branca.



Deixamos a estátua para depois, no fim da entrevista. Temos uma hora para fazer todo o processo. Erich, ainda impactado por estar diante de Dirceu, posa para uma foto com o ídolo. O assessor nos orienta a ficar em um lugar mais confortável. Pergunta se temos alguma preferência. “Qualquer lugar que for melhor para vocês”, respondo. Ele dá a melhor sugestão de todas: “vamos ali, na arquibancada!”

Seguimos até lá, Krüger na frente, como se quisesse mostrar algo. Subimos as escadas, devagar, e ele comenta: “ô, na sombra, se não eu vou virar um peru”, aos risos. Imagino quantas vezes ele já fez esse caminho depois de ter parado de jogar. Imagino também quantas outras entrevistas já não foram gravadas naquele mesmo espaço. Para mim, é inédito. Já entrevistei caras mais contemporâneos do esporte, mas nunca em um lugar onde eles estivessem tão confortáveis; nunca em uma arquibancada como a do Couto. Nesse sentido, o Coritiba abriu suas portas sem questionar. Quantos outros clubes brasileiros considerados grandes permitem e incentivam essa proximidade com os seus astros?

É a largada para uma hora de papo com o homem que virou bronze. A Flecha Loira, o dono de gols que decidiram Estaduais nos anos 1960 e 70, o craque de uma geração que só viveu seu ocaso após seis títulos paranaenses em seguida. Não fosse por um título do Athletico, em 1970, o Coxa teria enfileirado nove taças. Mas a vida de Dirceu Krüger é repleta de poréns e reviravoltas impressionantes. E é isso que ele conta, com desenvoltura e riqueza de detalhes. Quem não conhece a sua história tem, a partir de agora, uma grande chance de resolver essa injustiça.

**Relvado: Você disse em especial gravado pelo Coritiba que desde menino era torcedor do clube. E que não imaginava que fosse jogar futebol. Como é, para você, ter realizado tudo isso e ainda ter se consolidado como um dos maiores, se não o maior ídolo do Coxa?**

Dirceu Krüger: Sempre sonhei em jogar aqui no Coritiba, principalmente porque meu pai, minha família toda era

coxa-branca. Eu vinha assistir aos jogos e aquilo mexia comigo. Imaginava, às vezes, será que um dia jogarei pelo Coritiba? Passou um tempo, de repente, e aconteceu. Tive essa felicidade.

**R: No que jogar o Amador pelo Combate Barreirinha e o União Ahu te ajudou quando subiu ao profissional? Qual era a relação entre a disputa em campo e a pressão vinda da torcida? E como você lidou com isso quando pisou nos grandes palcos do futebol nacional?**

DK: Jogava no Combate Barreirinha, lá no meu bairro. Eram jogos amistosos, porque o Combate não disputava o Amador naqueles tempos, apenas peladas. Passei de lá para o União Ahu [grande rival], ao lado, e tive a oportunidade de jogar o Amador. Me aconselharam a ir para lá. Eu estava no segundo time, pois o primeiro era o competitivo, e se não tivesse talento na posição para entrar no principal, ficaria mesmo no de baixo. Acabou que o União Ahu teria uma partida contra o Palestra Itália e um jogador do meu setor ficou doente, não pôde ir.

Me chamaram, tive de jogar, e nesse dia em especial, o treinador do Britânia estava nas arquibancadas, acompanhando. Ele gostou de mim e me levou para lá, no profissional. Depois de algum tempo, pintou o convite do Coritiba e eles acharam que eu tinha condição de defender o clube. Fiquei muito feliz, aí foi a felicidade total. Não acreditei. 'Não é possível!'. Na estreia, contra o Grêmio, fiz o gol que nos garantiu o empate.

Foi aquela coisa: tinha uma rivalidade grandíssima entre as equipes e fui feliz de marcar aquele gol, estávamos perdendo por 1 a 0. Foi uma loucura.

**R: Você sempre atuou como ponta de lança ou em algum momento da carreira trocou de posição?**

DK: No União Ahu, atuei na ponta-esquerda. Quando fui para o Britânia, o falecido técnico Juvenal Lupe, me disse que eu não era para aquela ala. Me disse que eu era sinistro,

***“Depois de algum tempo, pintou o convite do Coritiba e eles acharam que eu tinha condição de defender o clube. Fiquei muito feliz, aí foi a felicidade total. Não acreditei. Não é possível!”***

***Krüger, sobre a ida do Britânia para o seu time de coração.***



destro, então passei como jogar pela ponta direita, mas ainda tinha capacidade de atuar do outro lado, tanto fazia.

**R: Como você encarou o baque da fratura em 1967, contra o São Paulo de Londrina, em um tempo em que a medicina esportiva ainda era rudimentar? Que tipo de recuperação você precisou fazer nesse sentido?**

DK: Essa fratura que tive na perna foi simples. Foi quebrado um ossinho que nem tinha necessidade de existir, mas precisei ficar seis meses fora. Depois voltamos...

**R: Com a sua grande fase, o Coxa foi bicampeão estadual em 1968 e 69. Mas em 1970, você sofreu uma contusão que marcou a sua vida. Muita gente, inclusive os médicos, te disse para abandonar o futebol. Como você lidou com essa situação?**

DK: A pancada foi muito forte. Uma joelhada que arreventou meu intestino, minhas alças intestinais. Fomos

superando isso. Eu jogava com uma cinta que me foi dada por um médico e que possibilitaria que eu voltasse. Claro que eu poderia ter jogado mais se não houvesse esse acidente, mas não só o futebol foi evoluindo.

Os trabalhos físicos também evoluíram e a cinta não poderia segurar muito mais. Uso isso até hoje. Mas joguei, normal, só que daí como tinha de fazer muita musculação, eu não tive condições de me preparar e fui perdendo o pique. Houve um tempo em que eu pegava a bola no meio de campo e dava a impressão de que o gol vinha em mim. Depois [do acidente], parecia que o gol ia diminuindo...

**R: Assim como o piloto Niki Lauda, que chegou a receber a extrema-unção depois de um acidente gravíssimo, você voltou ao esporte normalmente. Que tipo de coisa você teve de encarar no retorno, naquele jogo contra o Arges, na Romênia?**

DK: Valeu muito! Disse: opa! Vamos lá, vamos fazer mais! Começamos agora, e quando voltarmos ao Brasil, peguei firme. Fui naquela viagem mais para aproveitar a oportunidade de ter contato com a bola. O jogo já estava decidido, e tal. Fiz o gol, foi normal após a partida, e conseqüentemente reconquistei a titularidade. Por causa dessa lesão, parei cedo, com 30 anos. Ao longo da carreira, perdi jogos por causa dessa fratura, do acidente com o intestino, depois por problema no Tendão de Aquiles. Lamento demais não ter podido jogar mais, ter feito mais gols pelo meu Glorioso, mas estamos aí com a estátua. Talvez teria ganho duas!

**R: Como surgiu o apelido de Flecha Loira?**

DK: Foi uma pessoa de uma televisão ou um jornal do Paraná [que criou o apelido], o Albenir Amatuzzi. Em um jogo, peguei a bola, saí correndo, driblando, e fiz o gol. Depois, na reportagem, ele escreveu: "Krüger faz um gol como se fosse uma flecha". E daí, como eu era loiro, ficou Flecha Loira... agora é Flecha Branca!



**R: Que recordações você ainda guarda da dupla com Kosilek, que marcou época pelo Coxa nos anos 60?**

DK: O Kosilek veio do Jandaia Clube, foi um grande jogador. Era artilheiro, fazia muitos gols e às vezes ganhávamos os jogos sem que ele marcasse, ele não ficava tão feliz, sabe? Se fizesse o gol, a felicidade dele seria maior. Também tenho boas lembranças do Wálter, joguei com tantos bons companheiros...

**R: O que aconteceu na história da venda de Kosilek ao Vasco, em 1971? Eles realmente pensaram que estavam te contratando, o presidente Evangelino tentou enganar os cariocas ou não foi bem assim?**

DK: Veja bem, essa história era contada pelo presidente, o China [Evangelino da Costa Neves], não sei se tem veracidade ou não. Jogamos um amistoso, lá no Rio, contra o Vasco, era dezembro. Um novo técnico estava assumindo o time deles e estava lá para acompanhar o jogo. Não me lembro agora se o Kosilek entrou desde o começo ou ao longo da partida. Fui muito feliz naquela tarde. E então, veio o diretor do Vasco para contratar um de nós. O nosso presidente queria se desfazer do Kosilek e iniciou a conversa: “Não é aquele com um nome gozado, que vocês querem?” “Sim, parece que começa com K!” “Kosilek?” “Sim, Kosilek!”, e aí levaram ele para lá.



**R: Mas mesmo se o interesse fosse verdadeiro, você também não teria aceitado a proposta.**

DK: Não, não. Tive várias propostas e nunca quis sair. E minha família nunca se interessou. Minha mãe chorava como uma criança quando sabia que vinham propostas de outros clubes, de fora do Paraná. Isso nunca me despertou, nunca forcei uma situação assim. E essa situação do Kosilek, não sei se é verdade, é algo que o Evangelino falava, ele era uma figura folclórica, que disse que eles queriam o Krüger. Ele jogou no Vasco por uns seis meses e depois foi para o Vitória. Criou-se esse mito, por causa do K. Eu falo sempre que era a dupla KK, e depois virou cocô... [risos].

**R: Em 1972, você fez o gol que carimbou o título do Paranaense em cima do Athletico. Que tipo de memória e o que você sente em relação àquele dia especial?**

DK: Retornando e fazendo gol como o que eu fiz contra o Athletico foi algo extraordinário. Ainda mais fazer um gol e dar o título ao Coritiba. Quando eu marcava contra o Athletico, eu era super valorizado. Uma vez, diante deles, um placar de 5 a 2, tive a oportunidade de marcar dois gols.



**R: Foi o jogo do famoso “drible com o olho”?**

DK: Sim! Olhei para lá, o zagueiro veio para cá, driblei, fui embora e... caixa!

**R: Fora do Brasil, você conquistou a Fita Azul com o Coxa, em 1972, honraria concedida pela CBD aos clubes daqui que voltavam invictos de excursões no exterior. O que você recorda daquela viagem para a Turquia/Argélia/Marrocos?**

DK: Infelizmente eu perdi muita coisa, perdi minha história, por conta de um roubo em casa. Eu tinha uma mala com todas as minhas conquistas no futebol, e algo dessa turnê estava dentro, quando viajamos para Europa, Ásia, África. Então a gente esquece... Entraram em casa e nos roubaram, quando houve o falecimento do meu sogro, no Rio Grande do Sul. Na volta à Curitiba, anunciei em jornais pedindo que trouxessem tudo, deixassem a mala em algum lugar, me ligassem. Naquela época, só havia telefone de rua, ninguém conseguiria saber de onde veio.

Perdi muitas faixas, meu histórico estava ali e infelizmente não lembro mais. Só sei que foi algo extraordinário, especialmente o gol que fiz na Argélia. Foi um gol muito bonito, driblei o goleiro, fiz umas coisas diferenciadas. O Reinaldinho diz que marquei o gol mais bonito da história, que todos ficaram bobos. A própria torcida aplaudiu.

A questão da Fita Azul é que, se fôssemos para a Europa ou qualquer outro lugar e voltássemos sem derrotas, ganhávamos esse prêmio, essa honraria. Foi uma conquista maravilhosa.

**R: Estamos num período de ascensão dos chamados técnicos “interinos”, com casos de sucesso como Tiago Nunes no Atlético, Fabio Carille no Corinthians, etc. Como foram suas experiências de treinador (segundo com mais jogos dirigindo o Coritiba)? Buscava seguir carreira como técnico em outros times, ou preferia ficar à disposição do Coritiba nos momentos de grande turbulência?**

DK: Eu era auxiliar técnico, depois que parei de jogar. Fiquei nessa função e também fui técnico na base. Até hoje trabalho com isso. Não quis seguir como treinador porque eu não queria sair daqui. Meus pais diziam que se eu fosse técnico, de repente poderia não dar certo, decepcionar. Às vezes um técnico não ia bem, saía, eu assumia, o treinador vinha logo, e eu continuava como auxiliar, mas sempre com a confiança deles. Nunca tive a intenção de sair do Coritiba, não queria ser mandado embora porque fracassei como técnico. Quando a coisa estava meio ruim e eu dava sorte, que estava feio, eu pegava momentaneamente o time e crescia.

**R: Em 1984, você formou um time semifinalista do Brasileiro. E no ano seguinte, oito deles foram campeões.**

DK: Sim, nós formamos o time com uns guris que foram campeões brasileiros. Fomos campeões naquela ocasião com dez atletas da base, de 1984 para 85. Então o trabalho deles é focar, pensar no futebol, depois você pensa em outras coisas, quando parar. Essa foi uma felicidade muito grande, porque as coisas deram certo, eles foram titulares e fizeram gols. Isso deixava a gente muito satisfeito. O importante também é que havia o reconhecimento da torcida nesses tempos. E eu adoro isso! O Coritiba é meu segundo lar, e se um dia eu sair daqui, não sei o que fazer. Você perde um lar. Se eu não estou aqui, estou em casa, se não estou em casa, estou aqui. Outro dia, acordei num domingo, cedo, e vim pra cá. Cheguei aqui e não tinha nada, pensei: porra, não tem nada? Putz, hoje é domingo!

**R: Hoje o Coxa vive uma turbulência parecida, com a permanência na Série B. O que pode ser aprendido com o passado, já que anos atrás, disputava finais nacionais em sequência, entre 2011 e 2012?**

DK: Infelizmente as coisas não deram certo dentro de campo. Não houve o casamento, aquele entrosamento entre jogadores e a torcida. Alguns jogos nos deixaram pensando: 'como perdemos, ganhando por 2 a 0, e de repente perdemos. Como?' Isso passa! Veja o Fluminense,

com o que estava acontecendo, oito jogos sem fazer gol, quase caindo para a segunda divisão [e se salvando na última rodada do Campeonato Brasileiro]. O Coritiba teve momentos extraordinários, mas também temos aquelas fases ruins. O que você tem de fazer é se unir com o torcedor. Não adianta querer apontar um culpado. Vamos nos unir, incentivar, fazer o Coritiba ser o Coritiba da primeira divisão novamente! Existem bons e maus momentos, e nesse mau momento você tem de saber administrar. Tenho certeza que no ano que vem o Coritiba terá um bom ano. Assisti aos jogos em 2018 e pensei: 'não é possível! Não é possível!' Mas acontece. E não adianta a gente querer explodir o estádio e os jogadores.

**R: Nesse ano, até por conta da crise no rival, o presidente do Athletico disse que “a cidade de Curitiba só tem espaço para um grande”. O Furacão se planejou e se estruturou por anos e agora colhe os frutos, jogando uma final continental. O que você pensa disso e como vê esse contraste entre os três clubes da cidade? Como isso pode ser resolvido?**

DK: Claro que há espaço. Às vezes há uma situação negativa e você mexe com o seu rival, isso é normal. Mas o Coritiba é de uma grandiosidade, meu Deus do céu...

**R: Após esses 52 anos de tanta dedicação ao clube, quais são suas atividades e projetos no Coritiba?**

DK: Tenho contato, conversas com técnicos da base, com jogadores. Pego jogadores individualmente, falo com eles, dou conselhos. Hoje o futebol tem muito empresário e eles fazem a cabeça dos meninos, iludem. 'Primeiro, jogue! Depois você vai ganhar o seu dinheiro'. Não fique se iludindo que você vai ficar milionário saindo ou fazendo isso e aquilo. Dando um passe para o meu companheiro fazer o gol, eu tenho o mesmo valor que ele que fez o gol.

O pessoal fala para o menino não passar, para chutar e fazer o gol direto. É uma orientação dos empresários, péssima. A gente tem que explicar pra eles, às vezes temos

uns que compreendem, mas no fundo é um trabalho que surte efeito. O jogador pode estar com a cabeça em outro lugar, e de repente ele para para pensar. Falamos com pai e mãe de jogadores, pedindo calma, não é da noite para o dia. Se eu tivesse empresário, na minha época, eles tinham ido embora quando quebrei a perna! Hoje a maioria dos empresários pensam neles mesmo, não no jogador. Se ele pensasse no atleta antes, seria de uma outra forma. Mas hoje eles só querem ganhar, querem levar daqui, para fora do país, e o jogador não dá certo, deixam lá. O guri fica lavando prato e fazendo coisas sempre pensando em voltar.

A cabeça deles está no Barcelona, no Real Madrid. 'Primeiro, joguem aqui!'. Você, sendo jogador do Coritiba sendo comprado por um time de fora, você chega lá nesse time olhando de cima para baixo. Os atletas te olham diferente. Agora, se você for chegar lá do jeito contrário... Isso acontece. Os times deles lá estão com equipes na terceira divisão, de repente vai parar nisso.

**R: Como você se sente sendo um ídolo do Coritiba, ao lado de outros ídolos como Jairo, Nilo, Dreyer, vindos de um período em que não havia registro em vídeo, imagens? A torcida até hoje cita vocês pela história que fizeram.**

DK: Isso vai continuar. Terão futuros jogadores nesse nível. A formação que estamos trabalhando aqui [é boa], desde que não se perca nessa situação de empresários. Temos muitos jogadores bons e que certamente vão dar muitas alegrias ao Coritiba.

**R: Na última edição da Relvado, conseguimos entrevistar Dirceu Lopes, craque do Cruzeiro, que se destacou muito nos anos 1960 e 70. O que você guarda dos encontros com ele?**

DK: [Ele era] Extraordinário! O Cruzeiro, naquela época, com aquele time, era uma loucura. Você, quando ia jogar com eles, pensava: 'Deus do céu!'. Mas nós também mostrávamos que tínhamos condição de enfrentá-los.





**R: Nesse diálogo entre ídolos do Cruzeiro e do Coritiba, temos o Alex, que foi muito importante em ambos. Sabemos o que ele acha e já falou de você. Mas o que você pode falar sobre o Alex?**

DK: Quando ele vinha fazer testes aqui, jogando, treinando, eu falava: esse aí não precisa nem fazer teste, já pode assinar. Ele antevia as jogadas. Esse é o grande detalhe, o jogador que antevê, principalmente hoje, que o futebol está muito pegado. Às vezes você pega na bola e pensa o que vai fazer. Nesse ínterim, você já está sem a bola. O Alex, não. Ele recebia, olhava, já sabia quem estava sozinho, fazia uma jogada aqui, uma jogada lá. Nesse aspecto, fabuloso. E a técnica que ele tinha, a cabeça. A cabeça dele é sensacional. ■

**[revistarelvado.com.br](http://revistarelvado.com.br)**